

À procura de trabalho: a pertinência de um novo objeto¹

Priscila Pereira Faria Vieira²

Resumo: Partindo de uma revisão da literatura da Sociologia do Trabalho, Sociologia do Desemprego e Sociologia Econômica, este artigo pretende argumentar a relevância de enfrentar a procura de trabalho como um objeto de estudo, tanto pelas novas configurações do fenômeno do desemprego quanto pela escassez de estudos sobre esse tema. O segundo alvo deste texto é apresentar um eixo de achados da pesquisa empírica realizada no Centro da cidade de São Paulo, tratando de uma situação de procura de trabalho e seus principais processos microsociológicos.

Palavras-chave: desemprego, emprego, procura de trabalho, interacionismo simbólico

On the job search: the relevance of a new research object

Abstract: *Through a literature review of Sociology of Work, Sociology of Unemployment and Economic Sociology, this article aims to show the relevance of presenting job search as an object itself. This analytical relevance is based on the unemployment new features and the scarcity of studies on this subject. The second object of this text is to present some empirical findings of qualitative research realized in downtown São Paulo, especially those ones related to micro-sociological process of job search situation.*

1 Este artigo é uma versão revisada e complementada da comunicação “Do desemprego à procura de trabalho”, apresentada no Congresso Luso Afro-Brasileiro (Salvador, 2011) e apresenta resultados da dissertação de mestrado *A experiência da procura de trabalho: um estudo de caso*, defendida em 2009.

2 Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) – Universidade de São Paulo (USP)/ Centro de Estudos da Metrópole / Cebrap – São Paulo – Brasil – prifariavieira@yahoo.com.br

Keywords: *unemployment, employment, job search, symbolic interactionism*

Apresentação

Ainda que o interesse acadêmico pelo tema do desemprego seja crescente, pouca atenção tem sido dedicada à questão da busca de ocupação. Tal perspectiva importa não apenas porque a existência da procura é a variável definidora da condição de desempregado, mas por se tratar de um objeto relevante que, conquanto pouco estudado, desvenda muito sobre o mundo do trabalho hoje. Essa comunicação é fruto de um estudo que pretende, por isso mesmo, arguir sobre a pertinência sociológica de se tomar a procura de trabalho como um objeto em si. No esforço de avançar no entendimento desse objeto, tal pesquisa se dedicou a analisar a experiência da procura de trabalho. A relevância dessa abordagem pode ser argumentada tanto através da ausência de trabalhos desse tipo na produção acadêmica quanto pelas interessantes e importantes questões que ela permite analisar. Pretende-se chamar a atenção para a relevância do tema da procura de ocupação no campo temático das ciências sociais que se preocupa em analisar o trabalho e os fenômenos ligados a ele.

Através de revisão de bibliográfica, o texto apresenta o objeto de interesse analítico, a procura de trabalho, destacando como um fenômeno socialmente tão relevante num contexto marcado pelo desemprego pode ser tornado um problema de pesquisa, constituindo-se em um objeto pertinente por preencher lacunas analíticas que persistem na produção acadêmica da sociologia. Seguindo pistas de alguns poucos estudos que se dedicaram ao tema, seja no quadro da sociologia do desemprego, seja no âmbito da sociologia econômica, apresenta-se a perspectiva através da qual a procura de trabalho será aqui analisada, reforçando a pertinência em fazê-lo.

Por fim, além da revisão de literatura, o artigo apresenta um eixo de achados analíticos da pesquisa empírica que partiu dessa reflexão³. Reiterando a pertinência do objeto, foi realizado um estudo qualitativo no principal e tradicional espaço de procura de trabalho da cidade de São Paulo para entender um pouco mais sobre a experiência social da procura de trabalho e seus processos micro-sociológicos. Neste espaço foi realizado um estudo qualitativo, de tipo etnográfico, conduzido entre 2005 e 2009. Entrevistas em profundidade e observações sistemáticas foram as técnicas de pesquisa utilizadas. Demandantes de trabalho em procura, funcionários das agências de emprego da região, plaqueiros e todos os tipos de atores envolvidos nesse processo foram considerados importan-

3 Outros eixos de achados são apresentados em Vieira (2009; 2012).

tes e, portanto, incorporados à investigação. O espaço também foi considerado elemento analítico dessa situação social.

Do desemprego à procura de trabalho: revisitando a literatura

Convém iniciar o artigo explicitando que ainda que o esforço aqui realizado seja o de argumentar em favor da procura de trabalho como um objeto em si, é inegável que ela é parte constitutiva do fenômeno do desemprego, tanto no que diz respeito às medidas e estatísticas, quanto no que diz respeito à vida dos desempregados. Portanto, este será o ponto de partida da reflexão do texto.

Tradicionalmente o desemprego é definido como ausência temporária de trabalho que deve vir associada à procura regular de atividade ocupacional. É a procura de trabalho que normativa e administrativamente diferencia um trabalhador desempregado de uma pessoa inativa, constituindo-se, portanto, na variável fundamental da construção das taxas de desemprego e atividade. Por ser uma das variáveis definidoras da condição da situação de desemprego, a busca de ocupação já seria objeto analítico suficientemente relevante.

Entretanto, ainda que a procura de trabalho seja, via de regra, tratada apenas como dimensão constitutiva das medidas de desemprego, é preciso ressaltar que pode haver busca de emprego mesmo por parte de trabalhadores empregados. A procura de trabalho não está, assim, obrigatoriamente associada ao desemprego; pode também estar associada à busca de uma nova ocupação. Ou seja, independentemente da condição de desemprego ou de ocupação, ela constitui um processo social em si mesmo. Aquele que busca uma oportunidade ocupacional, seja ele desempregado ou não, é o demandante de trabalho.

Se a procura de ocupação supõe, na imensa maioria dos casos, a ausência de trabalho – ainda que, como argumentado, também possa ser movida pelo desejo de encontrar um trabalho melhor –, não é descabido começar a refletir sobre a mesma tomando a porta de entrada habitualmente empregada pela literatura no tratamento do tema, ou seja, o fenômeno do desemprego.

O desemprego passa a entrar na pauta do debate intelectual e governamental a partir do século XX, tornando-se uma questão social, de fato (Castel, 2005). Mesmo se configurando como “questão social”, até meados do século passado a questão do desemprego foi alvo quase exclusivo da economia, envolta no clássico debate entre os neoclássicos e os keynesianos⁴. A partir de 1930, quando o modelo neoclássico pareceu esgotar-se e a explicação keynesiana ganhou

4 Para mais detalhes sobre as duas tradições do pensamento econômico ver Amadeo e Dutt, 1994; Keynes, 1936; Mankiw, 1995.

espaço, o desemprego passa a ser visto como uma falha do sistema econômico e como um risco à coesão social, surgindo assim o reconhecimento da necessidade de medidas de intervenção nos mercados por parte dos governos. Após a crise econômica mundial ocorrida entre os anos de 1929 e 1933, surgem as políticas de mercado de trabalho nos chamados países de economia desenvolvida. Essas políticas públicas de emprego⁵ se desenvolveram lentamente na esteira da concretização do Estado de Bem-Estar⁶.

Porém, como Castel (2005) corretamente chama atenção, esse tipo de proteção ao desemprego baseou-se numa concepção de sociedade e de Estado que hoje estão, ambos, abalados. O desemprego, classicamente definido como uma situação transitória e ocasional nas trajetórias de trabalho, tem se tornado um fenômeno inerente ao mercado de trabalho, especialmente quando emergem o desemprego de longa duração e o desemprego recorrente. Essas novas formas, por sua vez, dificultaram a continuidade da proteção social tal como antes talhada, pelo substancial aumento dos custos de financiamento de tais políticas, e demandaram reformulações nas políticas. Desse modo, ao longo do século XX, o desemprego tornou-se um problema social e um desafio intelectual. E, na esteira desse movimento, ele adquire também status de questão sociológica, segundo argumento de Castel.

Com a análise voltada para a Europa, Castel (2005) aponta uma mudança que levou à passagem de políticas de integração para políticas que visam a inserção. As primeiras tentavam promover o acesso de todos aos serviços públicos e à consolidação da condição salarial. Já as políticas de inserção definem suas clientelas específicas e tentam reduzir a distância dessas em relação aos grupos considerados integrados. É importante destacar que não podemos dizer que a América Latina, incluindo o Brasil, experimentou ou esteja experimentando esse movimento de mudança drástica de políticas de integração para inserção, já que as primeiras nunca foram fortemente institucionalizadas por aqui e a sociedade salarial, a que se refere Castel, também apresentava aqui outros contornos, menos institucionalizada e mais heterogênea e informal (Cacciamali, 2005; Guimarães, 2002; Guimarães, Hirata, Montagner & Sugita, 2004).

Na sociologia, por um longo período, o trabalho se constituía no tema analiticamente relevante; o desemprego era então apenas um tema marginal. Nas últimas décadas, porém, as sociedades vêm experimentando, e de forma

5 Para mais detalhes sobre as políticas públicas de emprego ver: Barbosa e Moretto, 1998; Cacciamali, 2005.

6 Sabe-se que o Estado de Bem-Estar, enquanto fenômeno social, político e econômico não se desenvolveu de forma unívoca, apresentado variações em diferentes contextos nacionais. Ver Esping-Andersen, 1991.

acentuada, um conjunto de mudanças no mercado e nas relações de trabalho. Entre as mudanças mais destacadas pela literatura sobressaem: o acentuado aumento dos níveis e da duração do desemprego, a flexibilização das relações contratuais de trabalho, o aumento da terceirização e da subcontratação, a diminuição dos postos de trabalho para o operariado industrial tradicional, o crescimento dos postos na área de serviços e o aumento da elasticidade da demanda de trabalho, efeito da globalização nos mercados de trabalho (Offe, 1989; Demazière, 2006; Maruani e Reynaud, 1993; Freyssinet, 1984; Antunes, 1999; Guimarães, 2004; Singer, 2000; Castel, 2005; Rodrik, 1997; Dedecca, 1996; Baltar e Proni, 1996). Nesse mesmo período, houve um aumento significativo do interesse sociológico pelo tema do desemprego.

O mundo acadêmico (especialmente o europeu, onde a norma do trabalho estável e protegido e as políticas sociais para fazer face às incertezas foram certamente mais desenvolvidas) passou se debruçar crescentemente sobre o fenômeno do desemprego. Identificou-se uma nova configuração do fenômeno, que se caracterizaria não só por seu aumento de volume – do número de desempregados – mas também pelo aumento do tempo de duração de tal situação, o “desemprego de longa duração” (Demazière, 2006; Maruani e Reynaud, 1993). Além disso, identificou-se que a trajetória profissional dos indivíduos passava a estar marcada, com frequência cada vez maior, pela recorrência do desemprego (Freyssinet, 1984; Guimarães, 2002). Assim, além de uma diversificação das modalidades de ocupação e de relações contratuais de trabalho, houve uma significativa ampliação do volume, da duração do desemprego, mas também das formas do desemprego. Este passa ser abordado não apenas como uma situação particular e transitória, mas como uma dimensão constitutiva do mercado. A importância da nova categoria social dos “desempregados de longa duração”, aliada à intensidade com que o desemprego se apresentava nas economias capitalistas, notadamente as europeias continentais, até então mais caracterizadas pela proteção e regulação do trabalho, explicitou a ruptura do nexo, antes “natural”, entre emprego e desemprego – o que constituía para aquelas sociedades uma grande novidade e um desafio⁷. Vale dizer, a saída do desemprego não se dava mais pela obtenção de um trabalho estável e protegido, mas abria caminho a uma multiplicidade de formas de inserção e de utilização de trabalho (Guimarães, 2002; Demazière, 1995).

7 Abre-se, na Europa, um amplo debate sobre as políticas públicas de apoio ao desempregado, que naquele momento tendiam a restringir a cobertura e a duração dos benefícios com a crise do Estado de Bem-Estar, o qual andava *pari passu* com o aumento da duração e a da recorrência do desemprego.

O movimento que levaria do trabalho ao desemprego passou a ser crescentemente investigado. Na Europa, e especialmente na França, os autores se apropriam do desemprego como tema de pesquisa e como questão sociológica, reivindicando, inclusive, a pertinência de uma “sociologia do desemprego”. Para completar as abordagens estatísticas e fazer face ao tratamento econômico da questão, os sociólogos sublinhavam a importância de encarar o desafio de analisar a vivência do desemprego, incorporando à agenda intelectual do campo os estudos da dimensão do vivido com respeito a esse fenômeno.

Desenvolveu-se, então, uma série de trabalhos⁸, em torno da experiência subjetiva e moral do desemprego, retomando experiências precursoras como o estudo realizado em Marienthal por Lazarsfeld, Yahoda e Zeizel (1981) na primeira metade do século XX. Como resultado desses estudos, vários autores têm ressaltado que essa série de transformações nas formas de trabalho determina uma profunda alteração nas formas de organização material e subjetiva da vida dos indivíduos que vendem ou têm a intenção de vender sua força de trabalho. Sabe-se, assim, e com extensa literatura, que o desemprego implica mudanças na organização do cotidiano, na utilização do tempo, e que ele envolve sentimentos de injustiça, vergonha e estigmatização social, entre outros efeitos de natureza social, moral e subjetiva (Lazarsfeld, Yahoda e Zeizel, 1981; Ledrut, 1966; Demazière, 1995, 2003, 2006; Antunes, 1999; Demazière, Guimarães e Sugita, 2006; Sennett, 2003; Castel, 2005; Borges, 2006). Porém, vale ressaltar, à medida que cresceu o interesse pelo movimento que leva do trabalho ao desemprego, o movimento contrário, de retorno ao trabalho, foi pouquíssimo explorado e menos ainda a experiência subjetiva e moral associada à procura de trabalho. A dimensão do vivido no que diz respeito à procura de trabalho foi negligenciada mesmo nas abordagens da sociologia do desemprego que buscam investigar as vivências e experiências sociais.

Outro aspecto central a essa sociologia do desemprego, de inspiração francesa, é o argumento de que tal fenômeno deve ser visto pela ótica sociológica como constituído e delineado por características dos contextos sociais, institucionais e históricos, que dão sentido às formas subjetivas de (auto)reconhecimento. Assim, sabe-se que, enquanto categoria oficial, a condição de “desempregado” é uma classificação socialmente partilhada e, nesse sentido, o indivíduo desempregado é um ser que incorpora, (re)interpreta ou (re)constrói categorias e classificações, sintetizando símbolos e características específicas a

8 Para mais detalhes sobre os variados tipos de tendências teóricas e metodológicas que seguiam esses trabalhos dedicados ao desemprego ver Demazière, 2003.

diferentes comunidades ou contextos sociais. Ou seja, a significação – tanto institucional quanto subjetiva – do desemprego varia conforme os espaços nacionais e intranacionais e deve ser sociologicamente considerada. Esses estudos chamam a atenção para o fato que uma abordagem sociológica dessa questão deveria encarar que as fronteiras entre desemprego, atividade e inatividade são construções sociais específicas (Demazière, 1995, 2003, 2006; Guimarães, 2002; Guimarães, Hirata, Montagner e Sugita, 2004). A procura de trabalho é, como ressaltamos, fundamental ao delineamento das fronteiras entre desemprego e inatividade, mas, vale repetir, foi muito pouco explorada dentro dessa perspectiva que defende a pertinência de tomar as fronteiras entre situações no mercado de trabalho como construções sociais e subjetivas. Além disso, conquanto tenha havido um significativo esforço de analisar sociologicamente a construção da categoria de desempregado, a categoria de demandante de trabalho só muito esporadicamente entrou na pauta desses debates.

O que se pretende ressaltar é que essa agenda de pesquisa internacional, mesmo ampliada, muito pouco se dedicou a enfrentar o movimento de saída do desemprego e os elementos analiticamente relevantes para o seu entendimento. Com efeito, se alguma literatura internacional, principalmente no âmbito da sociologia econômica, atentou para as formas de procura de trabalho, e em especial para o papel das redes sociais nesses processos (Granovetter, 1973, 1974), pouca atenção tem sido dedicada pela sociologia do trabalho ao estudo dos mecanismos acionados pelos indivíduos com vistas a obter uma nova ocupação e, menos ainda, à experiência da procura de trabalho. A importância de fazê-lo é inescapável quando levamos em conta esse recente debate internacional, antes referido, o qual tem apontado insistentemente para uma nova configuração do desemprego, especialmente nos países com experiências bem-sucedidas de proteção social institucionalizada, destacando, como expresso acima, o crescimento do desemprego de longa duração e a ampliação da recorrência de transições entre situações no mercado de trabalho (Demazière, 1995, 2006; Maruani e Reynaud, 1993; Freyssinet, 1984).

Além disso, a construção social e cognitiva, ou institucional e subjetiva, da figura do desempregado é indissociável da imagem da procura de trabalho, seja de um ponto de vista prático, seja de um ponto de vista analítico, já que é a procura o elemento-chave a diferenciá-lo do inativo. Ainda mais, a procura representa um importante passo rumo à saída da situação de desemprego e, portanto, suas dinâmicas constitutivas e graus de eficiência são de extrema pertinência sociológica. Por fim, essa é também uma situação crucial do ponto de vista sociológico, pois é no momento de procura que o indivíduo assume publicamente a condição de desempregado, incorporando, de fato, tal classificação social e desempenhando

um determinado papel, que corresponde a um conjunto socialmente construído de expectativas de comportamento, ou seja, uma conduta social.

Pode-se dizer, por tudo isso, que nos estudos sobre desemprego é inescapável abordar, ainda que tangencialmente, a busca de ocupação. Entretanto, na maioria das análises produzidas pela sociologia do trabalho ela não é tomada como um objeto em si.

Há, no entanto, um esforço que foi no sentido contrário a esse, alguns estudos passaram do desemprego à procura de trabalho. É importante destacar, no âmbito da literatura internacional, o clássico estudo de Granovetter (1974) acima citado e, para o caso brasileiro, as recentes pesquisas de Guimarães (2009) e Guimarães e Melo (2008), que mostraram a complexidade do fenômeno da procura de emprego, apresentaram as características dos demandantes de trabalho e do mercado de intermediação brasileiro, ressaltando, entre outros aspectos, que a intermediação de mão de obra na Região Metropolitana de São Paulo é um fenômeno territorializado e que a intermediação pública é, por aqui, pouco relevante. É na esteira desse movimento que enfrenta a questão da procura de oportunidades que se localiza o interesse dessa pesquisa.

Retomando o argumento do texto, seria pertinente tomar a procura de trabalho como um objeto de pesquisa e tratá-la como uma experiência social. Essa perspectiva da “experiência de procura” poderia ser bem desenvolvida através do recorte empírico das “situações de procura”. A noção de situação social está baseada nas elaborações de um conjunto de autores ligados ao que usualmente reconhecemos com o nome de interacionismo simbólico, especialmente nos autores George Mead (1952), Herbert Blumer (1969), Erving Goffman (1963, 1964, 1982, 1983, 1983-b, 1988, 1986, 2003) e Anselm Strauss (1979, 1988, 1999).

Partiu-se da ideia central de que a procura de trabalho é uma experiência social que se organiza segundo um variado repertório de situações socialmente construídas, as quais têm seus vocabulários e espaços cognitivos próprios. Situações, tal como aqui se entende, são episódios da vida pública, cotidiana e trivial. Nesses episódios ocorrem interações revestidas de lógica e de sentidos próprios ao contexto em que transcorrem; nelas se reconstrói cotidianamente a natureza dessa mesma situação. Segundo os autores citados, as situações sociais, enquanto unidades de análise sociologicamente significativas, são compostas por três elementos analíticos: i) o espaço em que transcorrem, ii) as interações sociais entre os atores e iii) as condutas sociais desses atores, tais como construídas nas interações sociais que ali se tecem⁹.

9 Para mais detalhes sobre a discussão teórica que funda a noção de situação social, seus componentes e processos característicos, ver Vieira, 2009; 2012.

Assim, no trabalho aqui apresentado, e seguindo a inspiração dos interacionistas, toma-se a situação social como unidade de análise, sabendo que esta é apenas uma entre as muitas possíveis maneiras de recompor a experiência social. Como unidade de análise, cada situação social tem uma dinâmica própria e interna, que a torna uma unidade sociologicamente significativa; entretanto, por ser parte de uma experiência social mais ampla, mantém relações de contato com outras situações sociais e com dimensões macrossociológicas. Desse modo, a experiência social da procura de trabalho seria constituída pela vivência de diversas e distintas situações sociais por parte dos demandantes. Partimos do estudo de uma situação social de procura, entre várias possíveis, para, captando parcela da experiência social da busca de trabalho, entendê-la melhor. A intenção foi analisar a experiência da procura a partir da forma como ela é vivida num determinado local, num determinado momento, envolvendo determinados atores que, em parte são transitórios e em parte fixos. A noção interacionista de situação social se mostrou relevante para a apreensão das representações sociais que estão envolvidas na procura de trabalho e de processos microssociológicos que compõem essa experiência, a qual é enfrentada pelos trabalhadores, nos dias de hoje, com maior frequência e por maiores períodos de tempo, como procuramos mostrar nesta seção.

Para alcançar esse objetivo, foi escolhido um caso de situação de procura territorializada, um importante espaço de procura da metrópole paulista: o cluster de intermediação de mão de obra do Centro da cidade de São Paulo, concentrado na rua Barão de Itapetininga e adjacências, conhecido também, pelos próprios frequentadores do lugar, como “rua dos desempregados” ou “rua do desemprego”.

A rua Barão de Itapetininga fica no chamado Centro Novo e tem 330 metros de extensão por 20 metros de largura. É um largo calçadão formado por três quarteirões. Conta com aproximadamente 28 edifícios (de 8 a 14 andares), 400 lojas e seis galerias. Ela é cortada por várias transversais: avenida Ipiranga, rua Dom José de Barros, rua Marconi e rua Conselheiro Crispiniano, e acaba na Praça Ramos. As ruas Vinte e Quatro de Maio e Sete de Abril são paralelas à rua Barão de Itapetininga e juntamente com ela e com as transversais citadas formam o que aqui é denominado “território da procura de trabalho”. Inúmeras agências de emprego estão instaladas nessas adjacências: desde a mais importante empresa brasileira do mercado de intermediação de mão de obra, até agências extremamente pequenas e precárias. Só na rua Barão de Itapetininga existem quase 30 agências de emprego. Se computarmos as agências sediadas nas ruas de seu entorno esse número chega a mais de 60. Os prédios e galerias que sediam as agências de emprego tornam-nas quase invisíveis, não fosse pelo imenso número de

panfleteiros e plaqueiros¹⁰ que representam, na rua, a “cara” desses estabelecimentos – e, ao fazê-lo, imprimem uma dinâmica específica à procura de trabalho naquele espaço, dando ao personagem do plaqueiro um papel fundamental no funcionamento desse mercado. A estratégia do uso maciço desses trabalhadores só é possível porque essa rua é uma via exclusiva de pedestres desde os anos 1970. De segunda a sexta, no horário comercial, esse espaço é completamente tomado por pessoas à procura de trabalho, em sua grande maioria, jovens de classe baixa ou média baixa e com escolaridade média. É importante reter a imagem de que há nesse território uma dinâmica complexa e imprecisa, ainda que estabelecida e articulada, que gira em torno de ofertar ou demandar trabalho. Além do espaço físico do território da procura, os quatro tipos de atores privilegiados na análise da situação foram: demandantes de trabalho em procura, funcionários das agências de emprego da região, plaqueiros e funcionários dos estabelecimentos que ofertam serviços correlatos à busca, como cópia e manufatura de currículos, lan houses e cursos, o chamado mercado de condutas. Esses quatro grupos de atores foram entrevistados e observados sistematicamente agindo na situação, em interação e encenando suas condutas sociais.

Alguns achados empíricos: os processos microssociológicos da situação de procura

Foi possível compreender, ao longo deste estudo, que a procura de trabalho configura uma experiência social na qual são engendrados processos sociais peculiares e que configura também um universo simbólico próprio. Ainda que o objetivo da procura de trabalho seja a obtenção de uma nova ocupação ou a reinserção no mercado de trabalho, a vivência da procura está pautada por códigos, práticas, condutas e significados que provêm da esfera do trabalho, mas é igualmente tributária de outros códigos, práticas, condutas e significados que não necessariamente se desenvolvem nesta esfera, mesmo que possam revelar muito sobre ela. Esses elementos sociais que regem a prática cotidiana da procura ajudam a compreender o processo de convergência entre uma vaga de trabalho e um candidato, ou seja, o resultado final do encontro entre ofertantes e demandantes de emprego, que é o processo mais fundamental do mercado de trabalho. Estudando a procura tal como vivida numa situação específica foi possível tornar visíveis e compreender melhor os processos microssociológicos que constituem essa experiência, assim como desvelar ao menos alguns dos constrangimentos, significados e sentimentos que a compõem, enquanto fenômeno que contempla uma dimensão do vivido que lhe é essencial. Nessa seção busca-se apresentar,

10 Para mais detalhes sobre o trabalho do plaqueiro ou “homem-placa” ver Vieira (2007; 2009; 2012).

ainda que de forma resumida, esse eixo de achados e questões que o estudo de caso possibilitou apontar sobre a experiência da procura¹¹. Nesse espaço apresentamos alguns desses aspectos de natureza micro, principalmente aqueles com maior potencial para alterar o curso do processo de convergência entre uma vaga de trabalho disponível no mercado e um candidato que a ela se apresenta.

Primeiro, é importante ressaltar o papel do espaço¹² como variável que influencia na dinâmica das interações e que dá novas dimensões e significados à experiência da procura. A atividade da procura de trabalho pode ser, e muitas vezes é, espacialmente pautada. Isso não quer dizer simplesmente que a procura de trabalho se realiza num determinado espaço, mas que, na situação investigada, ela é diretamente influenciada pelo espaço em que se realiza. O território de procura de trabalho é, portanto, o que dá a base espacial para a encenação da situação de procura, determinando a sua dinâmica microsociológica de interações. Homens-placa circulando na rua ou sentados em banquinhos, tornam aparentes estabelecimentos pouco visíveis e competem entre si por visibilidade e por seu espaço na rua. Funcionários das agências e do mercado de condutas ocupam os estabelecimentos onde trabalham, recebendo os demandantes, em busca de trabalho ou de serviços correlatos à busca, e interagindo com eles nesses espaços circunscritos. Os demandantes circulam pelas ruas, onde interagem entre si e com os plaqueiros, mas também pelos edifícios e pelas galerias, buscando as agências e os estabelecimentos do mercado de condutas. Esse território é configurado pelos usos sociais do espaço e cada ator tem uma forma de se apropriar dele. Ademais, ele é fluido, não é fixo e concretamente delimitado, abrigando e criando as condições de possibilidade para um conjunto de práticas e condutas razoavelmente articuladas e organizadas em torno da atividade da procura de trabalho.

Porém, o espaço é especialmente importante na experiência da procura de trabalho por mais algumas razões. Primeiro, porque se constituindo numa atividade, a procura de trabalho é circunscrita num tempo e num espaço. E o espaço é ainda mais importante na medida em que se sabe que o mercado de intermediação de mão de obra é uma construção territorializada (Guimarães, 2009). Então, a procura de trabalho em agências de emprego na metrópole paulista é uma atividade circunscrita em determinados espaços do tecido urbano. Além disso, o próprio trabalho de campo pode comprovar que a procura no Centro da cidade é

11 A pesquisa realizada explorou outros dois eixos de achados empíricos: elos entre processos microsociológicos e macroestruturais, e a dimensão subjetiva da experiência da procura de trabalho, com seus sentimentos, constrangimentos e significados. Ver Vieira (2009; 2012).

12 O papel do espaço e dos processos espaciais no delineamento das situações sociais é tratado principalmente por Strauss (1979).

não só uma experiência de natureza econômica, mas é também uma experiência urbana, uma experiência de deslocamento e de localização simbólica na cidade¹³.

A maior parte das vagas de trabalho ofertadas naquele território é intermediada pelas agências de emprego; elas estão no centro das iniciativas de procura de trabalho naquele espaço; vale dizer, a procura passa por elas e pelas relações que os atores com elas estabelecem, através de seus funcionários. Além disso, a conduta do demandante de trabalho é construída com base nas representações sociais difundidas por esse tipo de instituição e é construída para ser encenada dentro dela. As agências de emprego não são atores, no sentido interacionista do termo, mas são núcleos concentradores de atores que interagem com outros a partir de seu lugar nessas instituições e com práticas e discursos pautados nas regras, códigos e representações próprios a cada uma delas. Os funcionários das agências de emprego são os atores que dão voz às representações dessas instituições e interagem com os demais atores em nome delas, e, por isso, constituem um dos grupos de atores determinantes da dinâmica da procura.

As agências de emprego que operam ali são especialmente enraizadas e, majoritariamente, de pequeno porte. Muitas delas operam unicamente naquele espaço ou possuem, no máximo, mais uma filial. Essas agências pequenas operam com poucos funcionários, em média menos de dez, segundo observações e relatos de funcionários. A grande maioria dessas agências, pela falta de estrutura, faz principalmente seleção e recrutamento de candidatos, enquanto que a terceirização e a subcontratação ficam mais por conta das agências de médio e grande porte.

Uma das especificidades do mercado de intermediação de trabalho que atua na situação de procura escolhida é que ele concentra principalmente informações sobre vagas de trabalho de má qualidade e atrai especialmente demandantes jovens e pobres, os quais, diante da escassez de informações ocupacionais, se lançam numa procura pouco seletiva e urgente.

Sabendo que as condutas são situadas e interativas, e ao mesmo tempo constroem a situação e a interação (Goffman, 1964, 1982, 2003; Strauss, 1999; Mead 1952), apresentaremos a seguir achados sobre as interações e as condutas na procura de trabalho, articulando essas duas dimensões da situação investigada.

Os demandantes de trabalho constituem o mais numeroso e variado grupo de atores que transitam naquele território e constituem a situação de procura de trabalho. Mais que isso, eles são, na verdade, o objeto primeiro do interesse de todos, já que são os principais clientes dos mercados que ali operam, vale dizer, tanto

13 Os processos de apropriação do espaço por cada tipo de ator da situação são apresentados em detalhe em Vieira (2009; 2012), assim como os achados que caracterizam a procura como experiência urbana e de deslocamento e localização simbólica na cidade.

do mercado de intermediação de mão de obra quanto do “mercado de condutas”. Diferentemente dos outros atores, que têm uma atuação diária, estável e repetitiva naquela situação, os demandantes de trabalho são transitórios, atuam nela apenas por algumas horas, ou até mesmo, por alguns minutos e estão ali em constante movimento de rotatividade. No entanto, o demandante de trabalho é aquele que está conectado a todos os outros atores e que, ao mesmo tempo, os conecta entre si. É esse o ator que tem como objetivo encontrar um trabalho e que vive a experiência social da procura de trabalho, da qual aquela situação de procura é parte. Os outros atores da situação de procura de trabalho têm outros objetivos, que se resumem na tarefa de tornar possível a convergência entre uma vaga e um trabalhador.

O estudo permitiu apontar que os demandantes de trabalho têm que desenvolver uma performance¹⁴ própria, a qual é composta por certas práticas e códigos. Essa forma de atuação típica se dá através de ações, gestos e discursos e constitui a “conduta do demandante do trabalho”. Ela será julgada e avaliada no processo de procura tanto pelos funcionários das agências, sejam eles as recepcionistas, os selecionadores ou até os plaqueiros que ficam na rua divulgando as vagas e recolhendo currículos, quanto pelos seus concorrentes, ou seja, os outros demandantes. Assim, essa performance é constituída em interação com os outros atores da situação e dentro de uma dinâmica de interações relativamente articuladas e organizadas¹⁵, em que demandantes e funcionários do mercado de intermediação sabem (e, simultaneamente, aprendem) qual papel devem desempenhar. A procura de trabalho é, nesse sentido, um processo interativo.

O processo de convergência entre vagas de trabalho ofertadas e candidatos pode ser interpretado como um conjunto de interações e cada uma delas é delimitada por regras implícitas e por técnicas interativas diferentes. Dentro desse processo, o objetivo do demandante é a obtenção de um trabalho (o melhor trabalho possível do seu ponto de vista) e o preenchimento de uma dessas vagas que estão em jogo no mercado. Para tanto, ele tem um longo percurso interativo a fazer e, nele, lhe cabe construir uma performance convincente.

No caso do demandante, a manipulação das informações que constroem sua imagem, ou seja, sua conduta, é especialmente importante, pois determina

14 A noção de performance, assim como a de fachada social e de representações coletivas são cunhadas por Goffman especialmente em: Goffman, 1983; 1988. Performance é noção usada para tratar das condutas sociais adequadas a cada situação por cada tipo de ator.

15 Para Goffman as situações sociais se fundam em uma ordem interativa (“*interactional order*”) e constituíram um domínio legítimo da Sociologia e uma unidade de análise possível para a microsociologia (Goffman, 1983; 1983-b; 1963). Essa ordem interativa é construída através de processos de manipulação de informações por parte dos atores que precisam manter uma performance e também por readaptações desta performance de acordo com mudanças na situação, de forma a atender às expectativas dos outros atores em cena e manter o “consenso operacional” (Goffman, 1988), fundamental à manutenção dos episódios cotidianos da vida social

sua relação com os outros atores, mas pode também determinar seu sucesso ou fracasso na obtenção de trabalho, retomando o argumento de Goffman. Porém, essa conduta, ao mesmo tempo em que é constituída de um conjunto de códigos, é também flexível e permite negociações e reinterpretações por parte dos atores sociais, assim como a manipulação de informações, na qual se esconde aquelas que podem ser negativas e ressalta-se as que podem ser positivas. Da necessidade de desempenhar um conjunto esperado de práticas e da possibilidade de reinterpretá-las advém toda a preocupação do demandante com o vestuário, com a aparência, com a confecção do currículo e o desejo de entender, de fato, o que é que se espera de um bom candidato, para, a partir do entendimento dessa expectativa social, poder dominar esses códigos e bem representar seu personagem – ou a atitude social generalizada, nos termos de Mead (1952), ou as condutas socialmente institucionalizadas, nos termos de Goffman (2003). Para manipular positivamente suas informações, o demandante de trabalho tem que saber qual é a performance esperada do “bom candidato”, o que eles nem sempre sabem e por isso encontram dificuldades no seu processo de busca.

Mas, além de um processo interativo, a procura de trabalho é um processo de julgamento e avaliação. A interação entre demandantes e funcionários das agências é completamente pautada pelo julgamento dos primeiros pelos segundos, o que configura uma interação regida pela diferença e desequilíbrio dos papéis sociais. Esse julgamento se dá a partir de critérios que os selecionadores elegem como legítimos e que os demandantes podem desconhecer. Alguns desses critérios que direcionam a expectativa que o mercado de intermediação tem em relação aos demandantes são independentes dos pré-requisitos específicos a cada tipo de vaga: boa apresentação de si (tanto através do currículo quanto da aparência física), boa capacidade de expressão oral, domínio da língua culta, capacidade de elaborar opiniões e construir argumentações, além de juízos fortemente subjetivos e de difícil aferição comparativa numa situação de concorrência, como “força de vontade”, “determinação”, “pró-atividade”, “comprometimento”, “responsabilidade”, “segurança”, “iniciativa” e “liderança”.

Mas, quando não há partilha das regras e dos códigos que formam a base do léxico social de uma dinâmica de interação e dos critérios de julgamento, pode haver conflitos ou frustração de expectativas, pois aí pode se romper o “consenso operacional” (Goffman, 1988). No caso da procura de trabalho, quando o demandante não sabe o que os representantes do mercado de intermediação esperam dele ou quando não consegue encenar adequadamente essa conduta o que se frustra é a expectativa de obtenção de trabalho. Para o sucesso na procura não basta ao demandante preencher os pré-requisitos do mercado de trabalho, como

qualificação e experiência profissional, é preciso ter acesso às informações ocupacionais, que são escassas, há que dominar o conjunto de códigos e de práticas da procura, que é complexo e subjetivo, e é imperioso cumprir as expectativas dos outros atores econômicos em relação a ele. Essa incompreensão das expectativas ou a falta de domínio dos códigos de conduta do demandante é apontada pelos selecionadores como o principal problema dos processos de seleção e recrutamento; mais ainda, eles sugerem que essa é uma característica do perfil dos demandantes que ocorrem ao espaço de procura estudado, geralmente jovens e provenientes de classes pobres, ainda que possam ter escolaridade média ou até superior. Como foi possível identificar nos relatos, há realmente muitas incompreensões, por parte desses demandantes, a respeito do que se espera deles na busca, e como isso pode ser fator de insucesso nessa empreitada, gera-se ansiedade, insegurança e medo, sentimentos frequentemente associados à vivência dessa atividade.

É importante notar que, tanto através dos plaqueiros quanto através das recepcionistas, a princípio a relação do demandante com a agência de emprego é mediada por um instrumento fundamental: o currículo. Os selecionadores entrevistados foram categóricos em dizer que a maioria dos candidatos não sabe fazer um “bom currículo”. Demandantes narraram, de diversas formas, suas dificuldades na preparação desse documento; contaram recorrentemente que pediam ajuda a parentes e amigos e/ou pagavam para os estabelecimentos “especializados” na elaboração de currículos.

Aqui cabe um parêntesis para tratar do que se identificou como “mercado de condutas”. Na situação estudada há um amplo conjunto de estabelecimentos comerciais que conforma um mercado em torno da procura de trabalho, oferecendo serviços que estão direta ou indiretamente relacionados a ela e tornam aquele lugar mais atrativo para as pessoas em busca de trabalho, tais como: confecção e cópia de currículos, lan houses, treinamentos na forma de cursos, médicos e advogados trabalhistas, entre outros; há inclusive oferta de palestras e cursos sobre “como procurar trabalho”, tratando de temas como o que vestir e o que falar nessas situações. Esses estabelecimentos são bem característicos daquele território e têm os demandantes de trabalho como clientes alvo. Esse mercado mostrou-se importante para a análise da experiência da procura, pois dota os demandantes de instrumentos, qualificação e modos necessários a uma busca eficiente de trabalho; assim sendo, através da prestação desses serviços, lhes confere os códigos simbólicos e os elementos materiais necessários à construção da “conduta de demandante de trabalho”. Ou seja, os serviços do mercado de condutas dotam demandantes pobres e com pouca qualificação – e, às vezes, com pouca ou nenhuma experiência de trabalho – daqueles conhecimentos,

instrumentos e posturas requeridos para que se pleiteie entrar na competição por uma vaga. Portanto, pode-se apontar que as condutas sociais são situadas e construídas no curso das interações, mas também são articuladas às outras situações sociais e outras dimensões da vida dos demandantes e podem até ganhar caráter mercantil. A busca e a própria composição da conduta de demandante de trabalho – com seu discurso, suas práticas e instrumentos próprios – são ali mercadejadas na forma de serviços. Tal construção passa crescentemente pela esfera mercantil, por um processo de compra e venda, constituindo aquilo que denominamos (por mais estranha que possa parecer a ideia) um “mercado de condutas”. Ele é o espaço para adquirir ou aprender códigos e instrumentos que, não tendo sido forjados na socialização familiar, escolar ou na trajetória ocupacional prévia – e sendo crescentemente requeridos pelas firmas – vão ser mobilizados, por exemplo, nas agências de emprego.

Além das interações com selecionadores e recepcionistas das agências, há uma outra interação, típica daquela situação de procura, e que se revelou capaz de interferir no curso do processo de procura, com potencialidade para, inclusive, determinar seu resultado final. Trata-se da interação entre plaqueiros e demandantes. Como as agências da situação estudada localizam-se dentro de prédios e galerias, naquele espaço faz-se uso maciço do trabalho de panfleteiros e plaqueiros, também chamados “homens-placa”. Os homens-placa vestem coletes de plástico nos quais são divulgadas as vagas de trabalho intermediadas pelas agências. Eles são a “cara” das agências na rua e relevaram-se um personagem essencial ao funcionamento daquela dinâmica, pois podem também recolher currículos na rua, encaminhar demandantes para vagas, além de buscar ativamente candidatos de determinados perfis (Vieira, 2007, 2009 e 2012). Portanto, os demandantes podem, durante o processo de interação, fazer negociações com os plaqueiros persuadindo-os a recolher um currículo que, a princípio, não preencheria todos os requisitos da vaga. Nesse processo simples, um demandante que estaria fora da concorrência por uma vaga, insere seu currículo nessa competição a partir de uma negociação¹⁶ com o homem-placa, e passa a ter chances de ser selecionado. A situação de procura de trabalho, tomada como unidade analítica, também pode configurar um contexto de negociação no qual vagas de

16 Para Strauss, a ordem social observável nas situações sociais é, antes de tudo, uma “ordem negociada” (Strauss, 1988). Importa nessa ordem o contexto da negociação. Cada um desses contextos seriam unidades que delineariam uma configuração particular de negociação, definindo o que é negociado, por quem, de que maneira, com qual propósito e com quais consequências. Cada contexto de negociação é, de alguma forma, conectado a outros contextos, os quais são interconectados entre si e podem formar uma escala organizacional mais ampla e complexa. Na situação de procura várias coisas podem ser negociadas pelos atores. Buscou-se captar o que era negociado, por quem e com quais objetivos.

trabalho e adequação de demandantes a essas vagas são negociadas, entre outros elementos¹⁷. Mas, esses personagens não só divulgam vagas e recebem currículos, mas também podem ser agentes ativos de captação de demandantes através de sua rede pessoal de contatos e de sua clientela. Através dessa relação diferenciada, um demandante pode ter acesso privilegiado a informações sobre postos de trabalho, o que é fundamental dada a grande dificuldade com que circulam tais informações. A partir da análise das relações entre demandantes e funcionários das agências (receptionistas, selecionadores e plaqueiros), é possível afirmar que as diversas interações sociais, pela forma como transcorrem, ou seja pelo modo como são socialmente negociadas nos microcontatos, podem igualmente determinar o curso do processo de convergência entre uma vaga e um candidato, mesmo quando tal processo se dá no bojo de instituições de intermediação.

No que diz respeito à natureza das relações entre os próprios demandantes de trabalho no seio do processo de procura, elas podem ser tanto de cooperação e cumplicidade quanto de competição e concorrência. No primeiro caso, pode haver troca de experiências e informações sobre oportunidades ocupacionais e esse tipo de interação pode vir a produzir, inclusive, o conhecimento de alguma possibilidade de obtenção de trabalho que eventualmente se concretize. Esse tipo de interação se dá principalmente na rua e no momento da distribuição de currículos, quando, a princípio, os demandantes não competem pelas mesmas vagas. Porém, durante um processo seletivo a interação entre candidatos à mesma vaga é pautada pela concorrência e pela necessidade de que um candidato se sobressaia frente aos demais. Nesse caso, quanto menos informações um candidato partilhar com seu concorrente, melhor, pois o que rege essa interação é a competição econômica. Nas interações entre candidatos nas dinâmicas de grupo, por exemplo, é fundamental que eles demonstrem suas qualidades, evidenciando as fragilidades dos concorrentes. Ou seja, as interações entre os próprios demandantes, cúmplices da mesma condição ou concorrentes econômicos, podem contribuir para o resultado final do processo de procura, positiva ou negativamente.

Um achado interessante da pesquisa é que, diante das incompreensões e falta de domínio dos códigos e da conduta que se espera de um “bom demandante”, pode haver, e muitas vezes há, uma busca ativa de informações a esse respeito. Motivados por interesse e curiosidade, os demandantes, especialmente os mais jovens, fazem desse um assunto privilegiado nas esferas da família e, principalmente das amizades, e podem investir em uma investigação sobre esse tema em internet,

17 Isso pode acontecer, embora com menor frequência, com outros funcionários das agências de trabalho, como, por exemplo, as receptionistas.

pesquisas e livros. Busca-se “aprender” aquilo não foi socialmente incorporado. Isso porque a conduta do demandante de trabalho não é, como outros papéis sociais podem ser, socialmente incorporada ao longo da trajetória dos indivíduos. Não é na esfera do trabalho nem nas instituições de ensino que esses códigos são formalmente transmitidos. Esse conjunto de regras e práticas é apreendido em múltiplas dimensões da vida social do demandante, como família, amigos e meios de comunicação, mas também pode ser incorporado, a partir de observações, no próprio processo de procura e, como acontece na situação investigada, virar alvo de serviços mercantis, como a elaboração de currículo, por exemplo. A conduta de comportamento desempenhada por uma pessoa à procura de trabalho é, portanto, construída também a partir da vivência de outras dimensões da vida social, nas quais esses códigos podem ser observados, aprendidos, discutidos e trocados. A construção da conduta social do demandante de trabalho é, portanto, múltipla e constante. É múltipla à medida que os códigos que a constituem são incorporados através da vivência de diversas situações e dimensões sociais, não só da situação de procura de trabalho; e constante porque a cada novo código incorporado há uma reconfiguração dessa conduta como um conjunto.

A incorporação da conduta do demandante, que é fruto de um processo múltiplo, pode ser e, na grande maioria das vezes é, um processo difícil, cheio de dúvidas, incertezas e incompreensões, mesmo que compartilhado com amigos e parentes, como deixaram explícitos os discursos. E o julgamento constante dessa conduta gera insegurança e medo. Uma dinâmica de grupo, por exemplo, pode gerar nervosismo, gagueira, suor excessivo e até tremedeira em uma pessoa m busca de trabalho. O mercado de trabalho, visto pela ótica daqueles que acorrem ao mercado de intermediação de mão de obra, é tratado como uma entidade misteriosa e distante, que é regido por códigos que os demandantes não dominam muito bem. Assim, mesmo que a importância do mercado de intermediação de mão de obra tenha aumentado tanto para as empresas quanto para os demandantes, pode-se dizer que ele é um domínio que opera por um novo conjunto de regras e códigos que escapam a esses últimos, os quais, portanto, nutrem por tal conjunto de códigos, sensações ambivalentes de curiosidade e medo. Desse ponto de vista, a experiência da procura de trabalho pode assumir, e via de regra assume, uma faceta dolorosa.

Considerações finais

A procura de trabalho é uma atividade que se desenvolve no bojo da esfera da economia, mas, como todo processo econômico, é permeado por relações e constrangimentos sociais. Para que, ao final, haja convergência entre um posto

de trabalho e um candidato é necessário que os atores econômicos passem por um longo caminho de interações, negociações, manipulação de informações, partilha de expectativas e julgamentos, como a análise permitiu desvelar. A observação da prática da procura permitiu identificar que nessa dinâmica cada ator econômico tem uma função e um conjunto de práticas a ela relacionadas. Ainda mais, é possível reiterar que a operacionalização prática dessa convergência se dá através de inúmeros processos microssociológicos e deles depende, inclusive, o seu resultado final.

O processo econômico de procura de trabalho em instituições de intermediação é, se abordado por uma lente microssociológica, também um processo interativo, um processo de construção de condutas, um processo de julgamento, um processo de concorrência, um processo de negociação, um processo de aprendizagem de códigos, um processo de troca de informações ocupacionais e um processo de deslocamento e localização simbólica na cidade.

A observação de um cluster de intermediação de mão de obra, como aquele que se localiza no Centro de São Paulo, sugere, assim, que a procura de trabalho não é um empreendimento simples, como poderia parecer a princípio. As análises qualitativas das situações de procura deixam entrever o longo caminho que por vezes tem que ser percorrido para o desempenho da atividade da procura de trabalho e para qualificar-se como um bom demandante de emprego, ou seja, alguém apto a concorrer por uma vaga no mercado de trabalho e merecer essa vaga. Não tem nada de trivial ou natural nesse processo, como em nenhum outro processo econômico e social. Não basta estar desempregado, ou à procura de trabalho, para “naturalmente” ser considerado habilitado a ocupar uma vaga. Há um processo de legitimação do indivíduo enquanto demandante de trabalho; o curso desse complexo processo se dá exatamente durante a procura de trabalho (Guimaraes, 2009; Tartuce, 2010). Há um conjunto de códigos e práticas que regem o desempenho da atividade de procura de trabalho, assim como uma série de relações sociais e interações que são estabelecidas ao longo dessa atividade e delas pode depender, inclusive, o sucesso e eficiência da procura.

Referências

- AMADEO E. J. e DUTT, A. *A teoria econômica do desemprego*. São Paulo, Hucitec, 1964
- ANTUNES, Ricardo *Os sentidos do trabalho*. 6ª ed. São Paulo, Boitempo, 1999.
- BALTAR, P. e. PRONI, M. W. Sobre o regime de trabalho no Brasil: rotatividade da mão-de-obra, emprego formal e estrutura salarial. In: OLIVEIRA, C. A.; MATTOSO, J. (Orgs.). *Crise e trabalho no Brasil*. São Paulo, Scritta, 1996, pp. 109-149.

- BARBOSA, Alexandre de Freitas e MORETTO, Amilton. *Políticas de emprego e proteção social*. Coleção ABET – Mercado de trabalho, v. 1. São Paulo, Associação Brasileira de Estudos do Trabalho – ABET, 1988.
- BLUMER, Herbert. *Symbolic Interactionism. Perspective and method*. New Jersey, Prentice Hall, 1969.
- BORGES, Ângela. Impactos do desemprego e da precarização sobre famílias metropolitanas. *Revista brasileira de estudos populacionais*. São Paulo, v. 23, n. 2, 2006, pp. 205-222.
- CACCIAMALI, Maria Cristina. As políticas ativas de mercado de trabalho no Mercosul. Tipos, sínteses de estudos de avaliação e reorientação. *Revista do Instituto de Estudos Avançados*, São Paulo, Universidade de São Paulo, vol. 19, n. 55, 2005, pp. 85-104.
- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis, Vozes, 2005.
- DEDECCA, Claudio Salvadori. Racionalização econômica e heterogeneidade nas relações e nos mercados de trabalho no capitalismo avançado. In: OLIVEIRA, C. A.; MATTOSO, J. (Orgs.). *Crise e trabalho no Brasil*. São Paulo, Scritta, 1996.
- DEMAZIÈRE, Didier. *La sociologie du chômage*. Paris, La Découverte, 1995.
- . *Le Chomage: Comment peut-être chomeur?*. Paris, Belin, 2003.
- . Uma abordagem sociológica sobre a categoria do desemprego. In: GUIMARÃES, N. e HIRATA, H. (Orgs.). *Desemprego: trajetórias, identidades, mobilizações*. São Paulo, Editora Senac SP, 2006, pp. 25-42.
- DEMAZIÈRE, Didier; GUIMARÃES, Nadya A. e SUGITA, Kurumi. Unemployment as a biographical experience. In: KASE, K. e SUGITA, K. (Orgs.). *The Unemployed and Unemployment in an International Perspective: Comparative Studies of Japan, France and Brasil*. Tokyo, The University of Tokyo Institute of Social Sciences, ch. 4, 2006, pp. 68-148.
- ESPING-ANDERSEN, Gosta. As três economias políticas do *Welfare State*. *Lua Nova*, São Paulo, n. 24, 1991, pp. 84-116.
- FREYSSINET, Jacques. *Le chômage*. Paris, La Découverte, 1984.
- GOFFMAN, Erving. *Encounters: two studies in the sociology of interaction*. Indiana, Bobbs-Merril Company Inc, 1961.
- . *Behavior in public places. Notes on the social organization of gatherings*. New York, Free Press, 1963.
- . The neglected situation. *American Anthropologist*, New Series, Vol. 66, part 3: the ethnography of communication, , 1964, pp. 133-136.
- . *Interaction ritual*. New York, Pantheon Books, 1982
- . *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1983.
- . The interaction order. American sociological Association, 1982 Presidential Address. *American Sociological Review*, vol. 48, n.1, 1983-b, pp. 1-7.

- _____. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1988.
- _____. *Frame Analysis*. Boston, Northeastern University Press, 1986.
- _____. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva, 2003.
- GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, vol. 78, n. 6, 1973, pp.1361-1380.
- _____. *Getting a job – a study on contacts and careers*. Cambridge, Harvard University Press, 1974.
- GUIMARÃES, Nadya Araujo. Por uma sociologia do desemprego: contextos sociais, construções normativas e experiências subjetivas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, São Paulo, 2002, pp. 103-122.
- _____. *Caminhos cruzados. Estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores*. São Paulo, Editora 34/ Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2004.
- _____. *À procura de trabalho. Instituições do mercado e redes*. Belo Horizonte, Argvmentvm.
- GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena; MONTAGNER, Paula e SUGITA, Kurumi. Desemprego – mercados, instituições e percepções: Brasil e Japão numa perspectiva comparada. *Tempo Social*, v.16, nº 2, São Paulo, 2004, pp. 257-287.
- GUIMARÃES, Nadya e MELO, Frederico. *Quem recorre às instituições do mercado para encontrar trabalho?* Comunicação no Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Caxambu, mimeo., 2008.
- KEYNES, Jonh. *Teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. São Paulo, Abril Cultural, Coleção Grandes Cientistas Sociais, 1978.
- LAZARSFELD, Paul; YAHODA, Marie; ZEIZEL, Hans. *Les Chômeurs de Marienthal*. Paris, Ed. De Minuit, 1981.
- LEDRUT, R. *Sociologie du chômage*, Paris, PUF, 1966.
- MANKIW, N. Gregory. *Macroeconomia*. São Paulo, LTC Editora, 1995.
- MARUANI, Margaret e REYNAUD, Emmanuèle. *Sociologie de l'emploi*. Paris, La Decouverte, Collection Repères, n. 132, 1993.
- MEAD, George H. *Mind, Self and Society*. Chicago, The University of Chicago Press, 1952.
- OFFE, Claus. Trabalho: uma categoria-chave da sociologia? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 4, n. 10, jun. 1989, pp. 5-20.
- RODRIK, Dani. *Has globalization gone too far?*. Washington DC, Institute for international Economics, 1997.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro, Record, 2003.
- SINGER, Paul. *Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas*. São Paulo, Contexto, 2000.

STRAUSS, Anselm. *Social words and spatial processes: an analytic perspective*. San Francisco, Department of Social and Behavioral Sciences, University of California,, 1979. Disponível em: <http://www.ucfs.edu/ansemstrauss>.

———. *Negotiations: Varieties, Contexts, processes and Social Order*. Califórnia, Jossey Bass Publishers, 1988.

———. *Espelhos e máscaras. A busca da identidade*. São Paulo, Edusp, 1999.

TARTUCE, Gisela. *Jovens na transição escola-trabalho. Tensões e intenções*. São Paulo, Annablume, 2010.

VIEIRA, Priscila. O homem e a placa ou a placa e o homem: os homens-placa e a procura de trabalho no Centro. In: GUIMARÃES, N. *À procura de trabalho: Instituições de intermediação e redes sociais na saída do desemprego*. São Paulo numa perspectiva comparada. Relatório de Pesquisa, pp. 229-250, 2007. Disponível em: www.centrodametropole.org.br.

———. *A experiência da procura de trabalho. Um estudo de caso*. Dissertação de mestrado, Sociologia, Universidade de São Paulo, 2009.

———. *A experiência da procura de trabalho: interações, vivências e significados*. São Paulo, Annablume, 2012 (no prelo).

Recebido em: 28/06/2012

Aceito em: 20/01/2013

Como citar este artigo:

VIEIRA, Priscila Pereira Faria, À procura de trabalho: a pertinência de um novo objeto. *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 3, n. 1, jan-jun 2013, pp. 193-214.